

Nome: Ana Julia Hipólito Senario

Texto de divulgação científica - Fonética e fonologia

“Probrema” ou “problema”? Quando a troca de sons vira preconceito na escola.

Você já escutou alguém falando “framengo” ao invés de “flamengo” ou “craro” ao invés de “claro” e julgou essa pessoa pelo suposto “erro”? A troca do “L” pelo “R” é um fenômeno chamado “rotacismo”, e seu acontecimento se dá pela variação linguística, que envolve história e questões sociais.

Afinal, por que trocamos o “L” pelo “R”?

Essa troca não acontece por acaso, nem é um erro de aprendizado. O rotacismo é um processo linguístico que possui uma explicação fonética, ou seja, está relacionado aos sons da nossa fala. A produção das consoantes /l/ e /r/ é muito semelhante porque ambas são articuladas no mesmo local: com a ponta da língua se elevando em direção aos alvéolos, a região do céu da boca logo atrás dos dentes superiores. A diferença fundamental está na ação da língua: para o /l/, a língua toca os alvéolos e se mantém, forçando o ar a escapar pelas laterais da língua; já para o /r/ (como em “caro”), a língua dá apenas um toque muito rápido e breve, como uma pequena batida que interrompe o fluxo de ar por um instante, o que facilita essa troca. Além disso, a história da nossa língua mostra que essa troca é antiga. Palavras que hoje conhecemos com “pr”, como “praia” e “praça”, vieram do latim, língua em que eram realizadas com “pl” (*plagia* e *platea*). Ou seja, o que hoje pode ser visto como errado já foi parte da evolução da nossa língua portuguesa.

Da fala para a sala de aula

Quando uma criança que fala “bicicreta” entra na escola, ela carrega consigo a variedade linguística da sua comunidade. Mas o que acontece quando essa forma de falar é tratada como erro ou vira chacota pelos colegas?

É aí que o rotacismo deixa de ser um fenômeno interessante e se torna uma questão educacional séria. A escola muitas vezes adota uma postura que valoriza apenas a “norma padrão”, aquela que mais se aproxima da escrita formal. Ao fazer isso, ela pode, sem querer, criar um ambiente de preconceito linguístico.

O que é preconceito linguístico?

É o julgamento negativo que fazemos da pessoa com base na forma que ela fala.

E a escola, que seria o lugar de acolhimento daquela criança, vira um lugar onde ela desenvolverá inseguranças ao ser repreendida e ridicularizada. Ela pode vir a se tornar uma criança reclusa, dificultando o aprendizado. Pode desenvolver ódio do ambiente escolar, não se sentindo mais pertencente ao espaço e aumentando o risco de evasão escolar.

Qual o papel do professor e da escola?

Vivemos em uma sociedade onde a “norma padrão” ou “variedade de prestígio” é a aceita em ambientes formais. Nossos alunos precisam ter o conhecimento dessa variedade sem perder sua identidade, a bagagem da sua comunidade.

A escola e o professor podem desenvolver explicações que ensinem que, em lugares mais formais, como uma apresentação de trabalho ou uma entrevista de emprego, por exemplo, o mais adequado é falarmos “problema”, mas, em uma conversa com amigos, o “probrema” poderá não ser mal visto.

O professor pode ensinar sobre as variações linguísticas, tratando esse assunto, ensinando cultura e diversidade.

Entrar na sala de aula conhecendo os fenômenos da língua é crucial para criar um ambiente mais acolhedor e ideal para as nossas crianças.